# J. G. A. Pocock

## O ATO DE TEORIZAR POLITICAMENTE COMO UM ATO REALIZADO NA HISTÓRIA

*The Ancient Constitution and the Feudal Law* (1957): exame dos discursos dos juristas ingleses do século XIV a XVII.

Linguagem da constituição mista (king-in-parliament): a peculiaridade do sistema jurídico inglês:

Edward Coke: o precedente como contraponto à formulação das doutrinas absolutistas;

Crítica aos estudos "que desejam apresentar um Locke ao mesmo tempo radical e universal, uma figura que está à frente de seu tempo e que fornece pistas essenciais para o pensamento do século XVIII" (p. x).

"O livro trata apenas de uma das linguagens que constituem o discurso político inglês e o considera como coexistindo e interagindo com outros para levantar perguntas sobre sua gênese, uso e desenvolvimento" (p. xii).

De The Machiavellian Moment (1975) a Barbarism and Religion (1999): temas da sociedade civil e da historiografia no século XVIII.

Importância de Caroline Robbins e Bernard Baylin : impacto do comércio do pensamento político antes e depois de 1700 e 1776.

Pocock sobre Kuhn: "o paradigma é um construto mental e linguístico, capaz de aparecer de maneira subitamente dramática, não apenas para fornecer respostas a perguntas, mas para determinar que questões ou tipos de questões deveriam ser feitas - em detrimento da exclusão de outras - e com isso dita o curso da investigação científica, e mesmo a estrutura e o caráter de comunidades de investigadores científicos, até que o 'paradigma' desintegra e seja substituído por outro, num processo suficientemente dramático para merecer o nome de revolução". (*Political Thought and History*, 2009, p. xi-xii)

# Função paradigmática da linguagem

"O primeiro problema do historiador é identificar a "linguagem" ou "vocabulário" com o qual e no interior do qual o autor operou, e mostrar como funcionava paradigmaticamente para prescrever o que ele poderia dizer e como ele poderia dizer" ("Languages and their Implications", *Politics, Language and Time*, University of Chicago Press, 1971; p. 25).

## Ferdinand Saussure

*Langue*: produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade entre os indivíduos. ( CLG p.25)

"A *langue* não é uma função do sujeito falante, ela é o produto que o indivíduo registra passivamente (...)

"A *parole*, ao contrário, é um ato individual de vontade e inteligência (...)".

## Pocock

"Para cada coisa a ser dita, escrita ou impressa deve haver uma linguagem na qual ela pode ser expressa. A linguagem determina o que nela pode ser dito, mas ela pode ser modificada pelo que nela é dito" ("O conceito de linguagem e o *métier d'historién"*, p.64).

“Mesmo quando modificadas pelo uso em contextos específicos, elas sobrevivem aos contextos nos quais foram modificadas e impõem sobre os atores dos contextos subsequentes as restrições para as quais a inovação e a modificação serão as necessárias, porém imprevisíveis, respostas” (”O estado da arte”, p. 30).

# Parte II: Contexto ou linguagem/discurso/sublinguagens, idiomas, retóricas

A *Langue* e como o historiador do discurso político a identifica e estuda:

Linguagens que a rigor são sublinguagens, idiomas (linguagens restritas a uma atividade específica), retóricas (modos de argumentação no interior do processo evolutivo do discurso político); modos de discursos existentes no interior de determinada língua vernácula. Tempo de formação: passado e presente. Exemplos: Renascimento, exegese bíblica, common law, lei civil, republicanismo, radicalismo commonwealth (sublinguagens institucionais)

- Performance como parole: de que tipo foi a atuação da parole sobre a langue (pode ser não intencionada);
- Lance (jogo e manobra tática): “nossa compreensão de “o que ele estava fazendo” quando executou seu lance depende [...] em grande parte de nossa compreensão da situação prática na qual ele se encontrava, do argumento que ele desejava defender, da ação ou norma que ele desejava legitimar ou invalidar...” (p. 39).

langue --->parole---->performance---->lance
Parole/performance/lance ----> langue

Restrições e oportunidades impostas pela linguagem

“É nesse ponto que o historiador do discurso deve ver a filosofia e a ação mais como coeexistentes do que como coisas separáveis: Hobbes ou Locke tanto como filósofos quanto como panfletistas” (p. 39).

## o autor como inovador

"E dado que os que respondem a um adversário devem fazê-lo aceitando sua linguagem e seus pressupostos, mesmo que seja como um prelúdio para debater e negar sua aceitabilidade, um inovador suficientemente ressonante ou escandaloso terá êxito em impor a nova linguagem e as novas regras ao jogo linguístico, embora, com frequência, de maneiras não congruentes com suas intenções" (p. 79).

"[...] por mais revolucionários que sejam, esses ideólogos precisarão estar comprometidos, uma vez aceita a necessidade de legitimar suas ações, em mostrar que alguns termos favoráveis já existentes podem, de algum modo, ser aplicados como descrições pertinentes de seu comportamento. Todos os revolucionários são, nessa medida, obrigados a recuar na batalha" (Skinner, "Princípios morais e mudança social").

"Resta agora ver como deve comportar-se um príncipe em relação a seus súditos ou seus amigos. Como sei que muitos já escreveram sobre este assunto, temo que, escrevendo eu também, seja considerado presunçoso, sobretudo porque, ao discutir esta matéria, me afastarei das linhas traçadas pelos outros"(N. Maquiavel, O Príncipe, cap. 15).

"A filosofia natural [...] é muito jovem; mas a filosofia civil é muito mais jovem: ela não é mais velha (digo isso porque fui provocado e para que meus detratores saibam quanto me atingiram) - do que meu próprio livro do Cidadão" (T. Hobbes, De Corpore, 1663).
").

# Sincronia e diacronia

"A explicação das linguagens que ele aprendeu a ler é seu meio de levar adiante suas investigações, simultaneamente em duas direções:  na dos contextos em que a linguagem foi enunciada e na dos atos de fala e de enunciação efetuados no e sobre o contexto oferecido pela própria linguagem e outros contextos em que ela se situava" (”O estado da arte", p. 35).